



## RELAÇÃO HOMEM-ANIMAL NO CONCEITO DE HUMANIZAÇÃO DE PRIMATAS SELVAGENS

Izabella Luiza Hungere Aguiar<sup>1\*</sup>, Sophie Missagia Springer<sup>1</sup>, Mariana de Albuquerque Nacaratti<sup>1</sup>, Juliana Andrade Bastos<sup>1</sup> e Luísa Andrade Azevedo<sup>2</sup>.

<sup>1</sup>Discente no Curso de Medicina Veterinária – Centro Universitário de Belo Horizonte - UniBH – Belo Horizonte/MG – Brasil – \*Contato: izabellaaguiar@hotmail.com

<sup>2</sup>Discente no Programa de Pós-Graduação em Ciências Veterinárias – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ – Seropédica/RJ – Brasil

### INTRODUÇÃO

Atualmente, os primatas são muito visados no mercado pet por possuírem semelhanças físicas e comportamentais com os seres humanos<sup>5</sup>. Pesquisas demonstram que sua atratividade é influenciada pelas mídias populares e como são expostos nelas (como, por exemplo, em comerciais, filmes e televisão)<sup>2-5</sup>. Isso contribui, mesmo que indiretamente, para a captura de primatas em seus habitats naturais e o comércio ilegal, que está em ininterrupto crescimento<sup>5</sup>. A primatologia, por sua vez, é uma ciência que trabalha no comportamento e a vivência dos primatas na natureza, sendo uma área extremamente importante para o combate ao tráfico, pois ela demonstra a importância das individualidades e comportamentos desses animais na natureza<sup>9</sup>.

Objetiva-se com essa revisão de literatura apontar o impacto das atitudes e ponto de vista dos humanos em relação à cultura e humanização de primatas selvagens, com a finalidade de explicitar e conscientizar acerca da posse responsável e legal de primatas não-humanos, além de suas dificuldades e particularidades.

### METODOLOGIA

Foi realizado um levantamento bibliográfico de artigos científicos na base de dados do Google Acadêmico e SciELO, visando o tema do presente trabalho. Foram pesquisados artigos dos últimos 19 anos, utilizando as seguintes palavras-chave: primatologia, tráfico e humanização.

### RESUMO DE TEMA

Muitas vezes, a falta de reflexão e conhecimento no que se refere à importância sobre a designação de conservação de animais selvagens levam a cenários catastróficos e irreversíveis<sup>10</sup>. O comércio de vida selvagem, independente da finalidade, prejudica a fauna e a flora drasticamente<sup>7</sup>. Em 2011, foi descoberto que o número de primatas criados em cativeiro exportados superou a parcela de animais capturados na natureza<sup>5</sup>. Em 2014, foi descoberto que todas as espécies listadas na CITES (Convenção Internacional para o Comércio de Espécies da Flora e Fauna Selvagens em Perigo de Extinção) no comércio de animais de estimação exóticos foram relatados como “criados em cativeiro” para exportação<sup>5</sup>. Não obstante, apesar das tentativas de fiscalização nas vendas legais de primatas para o mercado pet, algumas espécies são compradas e vendidas no mercado ilegal<sup>2,5</sup>.

Na luta contra o tráfico de primatas, os primatologistas se encontram diante de uma posição única para gerar um aumento na conscientização e redução do comércio ilegal, nacional e internacional de primatas<sup>5,6</sup>. Eles devem estar cientes das medidas a serem tomadas antes mesmo de presenciar qualquer atividade suspeita, para que estejam preparados para agir rapidamente quando necessário<sup>9</sup>.

Existe uma grande dificuldade de calcular a quantidade de animais capturados que entram no comércio ilegal<sup>5,8</sup>. A maioria entra com a finalidade de excentricidades humanas, como exposição e estimação, humanizando assim animais da natureza, privando-os de ter uma vida mais saudável com outros indivíduos da espécie<sup>1,5,8</sup>. O interesse neles vem pela facilidade em humanizá-los, vestindo-os e tratando-os como pessoas e crianças da espécie humana, assim, lhes tirando o direito de uma vida livre de seguir seus instintos naturais<sup>3,5</sup>.

Uma pesquisa sobre a vida selvagem do Lincoln Park Zoo (Chicago, Estados Unidos), os pesquisadores convidaram algumas pessoas para responder perguntas sem saber o tema específico do estudo<sup>10</sup>. Depois de ver as fotos, os entrevistados foram questionados sobre como eles caracterizariam o estado de conservação atual das populações de chimpanzés selvagens<sup>10</sup>. Concentraram as respostas à duas categorias: as que descreveram o padrão como decrescente ou em perigo e como saudável ou estável<sup>10</sup>. A segunda questão perguntou aos interrogados se eles achavam que os chimpanzés eram animais de estimação, onde os

entrevistados deveriam concordar ou discordar<sup>10</sup>. Com um modelo de logística de seleção direta para definir qual das quatro variáveis (roupas, presença humana, ambiente e mídia) melhor presumiu as respostas a essas perguntas<sup>10</sup>. As roupas e o meio não influenciaram expressivamente a distribuição das respostas, consequentemente, esses fatores foram excluídos<sup>10</sup>.

Com os dados coletados durante a pesquisa, foi notado que as fotos que possuíam o chimpanzé ao lado de um humano, tiveram 35% menos probabilidade de os entrevistados qualificar as populações de chimpanzés como ameaçadas e em declínio, em confronto àqueles que viram fotos com o chimpanzé só<sup>10</sup>. Após examinados oposições de pares independentes para esta variável, aqueles que visualizaram imagens com chimpanzés em fundo antropoide, foram consideravelmente menos sujeitos a categorizar os chimpanzés como ameaçados e em declínio em comparação com aqueles que viram chimpanzés *in situ*<sup>10</sup>.

Quando analisados como essas imagens podem afetar a assimilação pública dos chimpanzés como animais de estimação em potencial quando se é perguntado sobre se ter um chimpanzé de estimação parece atraente, novamente, roupas e o meio não influenciam o critério de inclusão, mas a presença de humanos e o ambiente influenciavam expressivamente as respostas<sup>4,10</sup>. 30,3% das pessoas foram mais propensas a concordar que um chimpanzé era mais atraente como animal de estimação, ao lado de um humano, do que aqueles que viram a imagem de um chimpanzé sozinho<sup>10</sup>. Do mesmo modo, imagens de chimpanzés em ambiente cativos parecidos com zoológicos e imagens de chimpanzés em outros cenários, tiveram a opinião de serem menos predispostos a categorizar os chimpanzés como potencialmente atraentes como animais de estimação<sup>10</sup>.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados apontados na pesquisa apontam como as representações imprecisas da mídia de animais ameaçados de extinção podem afetar a percepção pública das espécies. A explicação é que os telespectadores são levados a acreditar que tais associações diretas entre humanos e chimpanzés são normais e seguras. As imagens de chimpanzés com humanos podem transmitir a assimilação imprecisa de que esses animais são facilmente manejáveis e manejáveis de maneira análoga às espécies domesticadas tradicionais, trazendo a compreensão de que os chimpanzés podem ser animais de estimação adequados. Tais efeitos podem servir para neutralizar os esforços de conservacionistas e organizações científicas que fazem fortes declarações políticas condenando o uso de primatas como animais de estimação, citando riscos à saúde pública e segurança, zelos a com o bem-estar do animal e efeitos divergentes nas populações selvagens.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ANDRADE, A.; PINTO, S. C.; OLIVEIRA, R. S. **Animais de laboratório: criação e experimentação**. Editora Fiocruz, 2006.
2. Convention on International Trade in Endangered Species of Wild Fauna and Flora. CITES. Disponível em: <<https://cites.org/eng/disc/species.php>>. Acesso em 10 de abril de 2022.
3. LAPPAN, Susan.; et al. Primate research and conservation in Malaysia. **CAB Reviews**, v. 14, n. 004, p. 1-10, 2019.
4. NASCIMENTO, A. A. Tráfico de animais silvestres: riscos a saúde única e a atuação do cetac-centro de triagem de animais silvestres, 2021.
5. NORCONK, A.M.; WATERS, S.S.; ATSAI, S.; KNOTT, D.C.; TULLY, G.; SANTILLÁN, A.M.; ROSS, R.S.; STILES, D.; SHANEE, S. Reducing the primate pet trade: Actions for primatologists, *American Journal of Primatology*, 2020.
6. OLIVEIRA, Leonardo.; et al. **NEOTROPICAL. Neotropical Primates**, v. 26, n. 2, p. 35-60, 70-81, 2020.



## IX Colóquio Técnico Científico de Saúde Única, Ciências Agrárias e Meio Ambiente

7. PHELPS, J.; BIGGS, D.; WEBB, LE. Tools and terms for understanding illegal wildlife trade. Ecological Society of America, 2016.
8. QUIROGA, A. D.; ESTRADA, A. Primates as pets in Mexico City: an assessment of the species involved, source of origin, and general aspects of treatment. **American Journal of Primatology: Official Journal of the American Society of Primatologists**, v. 61, n. 2, p. 53-60, 2003.
9. RAPCHAN, E.S.; NEVES, W.A. Primatologia, culturas não humanas e novas alteridades. Revista SciELO stud. vol.12 no.2, 2014.
10. ROSS, S.R, Vreeman, V.M.; Lonsdorf, E.V. Specific Image Characteristics Influence Attitudes about Chimpanzee Conservation and Use as Pets. *Jornal PLoS ONE* 6(7): e22050, 2009.

### APOIO:

GRUPO DE ESTUDOS DE ANIMAIS SILVESTRES DO CENTRO UNIVERSITÁRIO  
DE BELO HORIZONTE

